

os duques preferem as loiras

loretta chase

Tradução de Fernanda Semedo

*Em memória de Owen,
cujo conhecimento e amor pela arte e pela arquitetura
enriqueceu as nossas visitas a Inglaterra e a outros sítios,
e cuja afeição, inteligência e generosidade
enriqueceu as nossas vidas*

A G R A D E C I M E N T O S

Agradeço a:
May Chen, a minha editora, pela inspiração, incentivo e competência em orientar o frágil e por vezes errante ego do escritor;

Nancy Yost, a minha agente, pelo seu entusiasmo, bom humor e fenomenal ética de trabalho;

Isabella Bradford, alma gémea, pela obsessiva ajuda histórica, pela condução através das dificuldades das redes sociais e pelo excelente sentido de moda;

Bruce Hubbard, amigo e médico de urgências por excelência, por descobrir uma maneira de não matar o paciente do século XIX, apesar de não haver antibióticos nem, praticamente, nada de útil;

Sherrie Holmes, especialista em cavalos e carruagens, por responder às minhas muitas perguntas com paciência, humor e esplêndida clareza;

Às modistas, chapeleiros e alfaiates de Colonial Williamsburg, especialistas em vestuário histórico, que continuam a esclarecer-me e frequentemente a surpreender-me em assuntos de alfaiataria histórica;

Paul e Carol, amigos que continuam a oferecer-me o abrigo e a paz de uma casa linda em Cape Cod;

Larry e Gloria, amigos que continuam a oferecer-me refúgio de inverno na sua linda casa na Florida;

Às minhas irmãs, Cynthia, Vivian e Kathy, pelo apoio moral e tático, com agradecimento bônus à Cynthia, parceira de *brainstorming* e companheira de caminhadas, por todas as ideias brilhantes, e à advogada Kathy pelos conselhos sobre os advogados e a sua forma de pensar;

Walter: o homem na minha vida, por me mandar escrever depressa e perguntar «Já acabaste?» e levar-me a sítios maravilhosos, mesmo que eu não tivesse acabado.

Deficiências, falhas, erros e atrocidades diversas, são culpa minha.

PRÓLOGO

*Canta, Ó Musa, o varão conhecido pela astúcia
E versátil génio.
A Odisseia de Homero*

*Eton College
Outono de 1817*

Para começar, ele era obnoxio. Os condiscípulos de Oliver Radford não precisaram de mais de um ou dois dias após a sua chegada para o descobrirem.

Também não precisaram de muito tempo para lhe atribuírem a alcunha de *Corvo*, se bem que fosse menos óbvia a razão desta escolha. Talvez tivesse sido o seu cabelo espesso e preto e os olhos cinzentos, demasiado penetrantes, a dar-lhes a ideia, ou talvez fosse a sua voz baixa e rouca, mais apropriada para um homem adulto do que para um rapaz de dez anos. Ou talvez aludissem ao seu nariz, embora este, longe de ser pequeno, não fosse tão afilado quanto o de muitos outros.

Fosse como fosse, ele tinha sempre o dito nariz enfiado num livro e houve quem — na verdade, um dos seus primos do lado do pai — dissesse que o jovem Radford o fazia lembrar de um «corvo a chafurdar nas entranhas de uma carcaça».

O primo não mencionou, ou por se ter esquecido ou por, não sendo nem observador nem esperto, o ignorar, que os corvos eram bastante inteligentes, para pássaros. Oliver Radford era extremamente inteligente, para um rapaz. Era por isso que preferia, de longe, os livros aos seus colegas de escola.

Preferia-os, especialmente, aos seus inacreditavelmente estúpidos primos...

De momento, estava encostado a um muro no extremo dos campos de jogos, bastante longe dos outros, que escolhiam equipas para o críquete. Sendo improvável e indesejável que o escolhessem, mas sendo a sua presença exigida nas atividades de formação de caráter, enfiara o nariz na *Odisseia* de Homero.

Uma sombra tombou sobre Oliver e uma mão gorda, com unhas sujas, cobriu a página do escrito grego. Ele não olhou para cima. Era, como o seu pai, mais observador do que a média. Reconheceu a mão. Tinha boas razões para isso.

— Aqui está ele, cavalheiros — disse o primo Bernard. — Um descendente do ramo laborioso da família: o nosso *Corvo*.

Laborioso era uma forma de denegrir o pai de Oliver. Como o filho mais velho herdara tudo, os outros e os seus descendentes viram-se forçados a arranjar mulheres ricas e/ou posições em profissões «próprias para cavalheiros», como o exército, a igreja e a jurisprudência. George Radford, filho do filho mais novo de um duque, escolhera tornar-se advogado. Era bem-sucedido e tinha um casamento feliz.

Tudo o que Oliver observara, indicara-lhe que os outros Radford possuíam cérebros extremamente pequenos e casamentos que eram a antítese do dos seus pais.

Um rapaz de dez anos saber o significado de *antítese* era outra razão para o odiar.

Ele não facilitava.

— É natural que aches o Direito laborioso — disse Oliver. — Primeiro, exige um domínio do latim, e tu mal compreendes inglês. Segundo...

Bernard socou-o levemente.

— Se eu era a ti, tinha cuidado com a língua, pequeno *Corvo*. A menos que queres que te conte uma história.

— Para começar, se tu fosses eu. Como obviamente não és, precisas do conjuntivo. Depois, «a menos que» também exige o uso do conjuntivo. Daí que a forma correta seja «queiras».

Bernard socou-o menos levemente.

— É melhor não lhe ligar muito — disse ao pequeno grupo dos seus colegas, que incluía alguns primos. — Não tem maneiras. A culpa não é dele. A mãe não é grande coisa, sabem. Um bocado perua. Mas não falamos muito acerca disso.

A família de George Radford armara um grande rebuliço quando este casara, aos cinquenta anos, com uma senhora divorciada. Mas Oliver não se importava com a opinião deles. O pai preparara-o para as vicissitudes de Eton e para os parentes desagradáveis que poderia ali encontrar.

— Estás a contradizer-te — disse Oliver. — Mais uma vez.

— Não, não estou, pequeno peido.

— Disseste que *não* falam dela, mas falaste.

— Importas-te, pequeno *Corvo*?

— Nem um bocadinho — disse Oliver. — Pelo menos, quando a minha mãe me pôs no mundo, consegui manter-me o cérebro intacto. As provas mostram que, no teu caso, aconteceu o oposto.

Bernard puxou-o de junto da parede e atirou-o ao chão. O livro caiu das mãos de Oliver, a sua cabeça retiniu e ele teve consciência do aumento do ritmo do seu coração e de um pânico selvagem. Empurrou essas sensações para o fundo da mente e fingiu que os sentimentos se encontravam a milhas de distância. Fingiu que aquilo que lhe estava a acontecer era a outra pessoa que acontecia, que o que sentia era sentido por outra pessoa e que ele observava de fora.

O pânico desvaneceu-se, o mundo entrou em equilíbrio e ele conseguiu pensar.

Ergueu-se, apoiado nos cotovelos.

— Lamento muito — disse.

— É para lamentares — disse Bernard. — E espero que te sirva de lição.

— Eu devia ter interpretado isto como «numa agonia para se redimir», e não como «ansioso por se salvar».

Bernard ficou com uma expressão vazia, o que não era invulgar nele.

— Ulisses — explicou Oliver pacientemente. Levantou-se, pegou no livro e limpou-lhe a poeira. — Esforçou-se em vão pelos seus companheiros, que foram destruídos pela própria ignorância. Os ignorantes destroem o que não compreendem.

A cara de Bernard ficou muito vermelha.

— Ignorância? Eu dou-te a ignorância, pequeno rufia insolente.

Saltou sobre Oliver, atirou-o ao chão e começou a dar-lhe murros. A luta terminou para Oliver com um olho negro, o nariz a sangrar e campainhas nos ouvidos.

Não era a primeira vez. Não seria a última. Mas disso se falará mais adiante.

Oliver estava desconcertado, um estado invulgar para ele. A sua experiência com mulheres era limitada. As mães não contavam. As suas meias-irmãs também já eram mães de outras pessoas.

A irmã do conde de Longmore, *lady* Clara, anunciara que tinha oito anos e onze meses.

Embora abundassem amas para cuidar do estonteante número de jovens Fairfax, Clara, de acordo com Longmore, conseguia normalmente acompanhar os rapazes. Os irmãos tratavam-na como um animal de estimação, talvez por ser a primeira rapariga depois de três rapazes, e uma espécie de curiosidade. Além disso, o jovem duque de Clevedon, de quem o pai de Longmore era tutor, gostava dela.

Mas a atividade planeada para essa noite não era para raparigas. Clevedon afastava-se, indicando a Longmore, com um gesto, que o seguisse. Este último fez-lhe um aceno de cabeça e disse para a irmã mais nova:

— Não podes ir no barco connosco.

Ela deu-lhe um pontapé no tornozelo. O irmão apenas se riu, mas ela deve ter magoado o dedo do pé, porque o seu lábio inferior tremeu.

Então, por razões desconhecidas, Oliver ouviu-se dizer:

— *Lady* Clara, alguma vez viu o Heptaplasiesoptron?

Teve consciência do olhar perplexo que Longmore lhe lançou, mas mais consciência ainda da sua irmã, que ergueu um amuado olhar azul ao encontro do dele.

— Que é isso?

— É uma espécie de sala-caleidoscópio — explicou Oliver. — Está cheia de espelhos que refletem serpentes gémeas e uma fonte, palmeiras e candeeiros de cores diferentes, e outras coisas. — Apontou para o edifício que albergava o Salão Circular e o Salão das Colunas. — Posso levá-la a visitá-lo?

Enquanto Oliver falava, Longmore escapuliu-se.

— Quero ir no barco — disse ela.

— Eu não — disse Oliver.

Ela olhou em volta e viu as costas do irmão a afastarem-se, apressando-se para se juntar a Clevedon. O seu olhar voltou a Oliver, com os olhos semicerrados, agora acusadores.

— O seu irmão não quer que vá — disse ele. — Não quer preocupar-se com os seus enjooos ou que caia do barco e se afogue.

— Isso não acontecerá — disse ela. — Eu nunca enjojo.

— Enjoará, se for o Longmore a remar — disse ele. — Porque pensa que não vou arriscar?

— Isso rima — disse ela.

— Pois rima — concordou ele. — Posso mostrar-lhe o Heptaplasiesoptron? Aposto o que quiser que não é capaz de dizer a palavra. É uma rapariga, e as raparigas não são muito inteligentes.

Os olhos azuis dela refulgiram.

— Também consigo dizer!

— Então diga lá!

Ela contraiu os olhos e a boca, concentrando-se. A sua expressão era tão cómica que ele teve de fazer um grande esforço para não se rir.

Longmore e Clevedon tinham chegado a Eton no ano a seguir a Oliver. Para grande surpresa deste, tornaram-se seus amigos. Mais ou menos da mesma forma que tinham transformado *lady* Clara numa mascote. Alcinharam-no de *Professor Corvo*, que em breve passaria a ser apenas *Professor*. Viera à Segunda Festa Juvenil de Vauxhall porque o pai de Longmore lhe mandara um convite para acompanhar uma excursão da família e o seu pai aconselhara-o a aceitar. Oliver esperara aborrecer-se e irritar-se muito, mas Vauxhall acabou por ser fascinante. Apresentava acrobatas e dançarinos de trapézio, cães e macacos amestrados e toda a espécie de interessantes ilusões e aparelhos de ótica, assim como música e fogo de artifício. Não se importava nada de não se juntar aos outros rapazes no barco.

Não planeara, decerto, fazer de ama-seca de uma miúda. Mas *lady* Clara revelara-se algo fora do normal, muito como as outras maravilhas de Vauxhall. Não era, nem por sombras, tão estúpida como se poderia esperar, considerando, primeiro, que era uma rapariga e, segundo, parente de Longmore. Nunca ninguém acusara sua senhoria de mestria intelectual.

Pronunciara corretamente *Heptaplasiesoptron* quando a incitara. Iguamente importante, estava bastante disposta a ser ensinada acerca de reflexões e ilusões de ótica.

Depois de esgotarem as maravilhas do Salão das Colunas, passaram à Gruta Submarina. Depois de sua senhoria se fartar, avançavam para o Hermitage quando uma voz desagradavelmente familiar gritou:

— É o melhor que consegues, priminho? Ela ainda nem tem mamas.

Ele teve uma noção vaga da sua temperatura a subir e do seu coração a bater com força, e de ver o mundo através de um véu vermelho. Ouviu-se falar, se bem que a grande distância, para *lady* Clara.

— Fique.

Avançou para o primo Bernard e deu-lhe um soco na barriga gorda.

A gordura devia ser mais sólida do que parecia, porque Bernard apenas emitiu um surpreso «Huh» antes de lhe devolver o soco. Apanhado desprevenido pela reação rápida, Oliver foi um pouco lento a esquivar-se e o golpe fê-lo cambalear. Bernard aproveitou a vantagem, atirando a sua robusta carcaça contra Oliver e lançando-o ao chão.

Quando deu por si, Bernard estava sentado em cima dele.

Oliver teve consciência de *lady* Clara a gritar qualquer coisa mas, sobretudo, teve consciência dos seus ouvidos a ecoarem e da dificuldade em respirar.

Bernard riu-se.

Oliver tentava desalojá-lo quando ouviu um grito selvagem. A própria *lady* Clara lançou-se a Bernard numa confusão de socos e pontapés. Aquilo foi tão divertido que, por um momento, Oliver esqueceu-se de que não conseguia respirar.

Depois viu-a estender a mão para Bernard, e viu este levantar o braço para proteger o rosto. Oliver não tinha a certeza do que acontecera a seguir, mas deduziu que ela colidira com os nós dos dedos ou o cotovelo do primo, porque caiu de costas, cobrindo a boca com a mão.

Bernard pôs-se de pé de um salto e gritou:

— Eu não fiz nada! — E fugiu.

Oliver viu sangue na mão dela. Olhou em volta, mas Bernard desaparecera. Aproveitara o momento, como era seu hábito, em que não havia testemunhas adultas.

— O malvado — disse ele. — O malvado cobarde. Ao menos podia ter-lhe perguntado se estava bem. Está bem?

Ela tirou a mão e verificou os dentes com o polegar.

— Está algum partido? — perguntou, mostrando os dentes. Não havia ali sangue. O sangue na mão devia ser de Bernard.

Os dentes dela eram impossivelmente brancos e regulares. Tirando o incisivo do lado esquerdo.

— Esse aí da frente, teve sempre uma falha? — perguntou-lhe.

Ela abanou a cabeça.

— Agora tem.

Ela encolheu os ombros.

— Espero que a lasca se tenha cravado no ombro dele e fique ali *para sempre* — disse. Depois, num sussurro, acrescentou. — O malvado. — E riu-se.

Talvez Oliver se tivesse apaixonado por ela nessa altura.

Talvez não.

Quer sim, quer não, depois dessa noite não voltou a ver *lady* Clara Fairfax.

Até...

Capítulo Um

Ao cimo de Whitehall Street fica o conhecido ponto de Charing Cross; logo acima, foi recentemente inaugurada a Trafalgar Square, onde será erigido um esplêndido monumento naval; e a nova Galeria Nacional de Belas-Artes, ainda em construção, fica do lado norte da praça.

Calvin Colton, *Four Years in Great Britain*, 1831—35

Arredores de Covent Garden, Londres

Quarta-feira, 19 de agosto de 1835

— **P**ara com isso! — gritou a rapariga. — Tira as mãos. Não vou! *Lady Clara Fairfax*, prestes a apear-se do cabriolé, não conseguiu ouvir o que o rapaz dizia, mas ouviu-o rir e viu-o pegar no braço de Bridget Coppy e tentar arrastá-la para longe do edifício onde esta queria entrar. Ficava ali a Sociedade das Modistas para a Educação de Mulheres Indigentes.

Com o cavalo em segurança, guardado pelo cocheiro, sua senhoria ergueu o chicote, pegou nas saias e correu em direção ao casal. Bateu no braço do rapaz com a pega do chicote. Ele soltou uma imprecação sonora.

Era um rapaz de aspeto malévolos, com cabelos ruivos e uma cara quadrada e manchada. Usava aquela espécie de casaco barato e vistoso que ela aprendera a associar aos vadios peneirentos que infestavam o bairro.

— Afaste-se dela ou apanha mais — disse Clara. — Saia daqui. Você não tem nada a fazer aqui. Desapareça, antes que eu chame a polícia.

O rapaz olhou-a com insolência. O efeito, contudo, foi estragado por ter de esticar a cabeça para trás e levantar à distância o seu olhar embaciado, porque Clara não era pequena e ele não era alto. O seu olhar desceu para o chicote na mão dela, depois para o deslumbrante cabriolé — do qual ela não duvidava que a sua criada Davis descera, brandindo a sombrinha.

Com um esgar, disse algo que soou como:

— É melhor bater com mais força, se quer que eu sinta alguma coisa.

— Em vez de esperar que ela batesse com mais força, pôs o chapéu num ângulo muito inclinado e foi-se embora.

— Estás bem? — perguntou ela a Bridget.

— Sim, vossa senhoria, e muito obrigada — disse a rapariga. — Não sei o que lhe passou pela cabeça para vir aqui. Devia saber que as pessoas da sua espécie não são bem-vindas.

A Sociedade das Modistas para a Educação de Mulheres Indigentes albergava e instruía raparigas determinadas a, contra todas as probabilidades, tornarem-se respeitáveis.

Se as coisas corresse bem, as raparigas desejosas de aprender um ofício tornavam-se aprendizas. Mas as modistas de Londres tinham muito por onde escolher e as raparigas da Sociedade das Modistas eram marginalizadas ou rejeitadas por uma razão ou por outra: quase todas eram demasiado velhas para serem ensinadas, e/ou tinham caído em desgraça, ou carregavam qualquer outro estigma.

A Sociedade arrancava-as da sarjeta — se elas desejassem ser arrancadas dessa localização — e fazia tudo para as preparar para terem um emprego. Com prática, diligência e boa vista, a maioria das raparigas aprenderiam a fazer uma costura com pontos direitos e muito rápidos, podendo ser colocadas como costureiras. Algumas, contudo, tinham possibilidades de ascender mais alto — por exemplo, bordando musselinas finas, ou sedas, linhos e lãs, e as numerosas combinações desses tecidos. Talvez uma ou duas tivessem até os recursos para se tornarem capelistas ou modistas.

Bridget tinha quinze anos. Uma vendedeira de flores sem sucesso, aparecera à porta da Sociedade depois de ter sido atacada e roubada sabia-se lá quantas vezes, por ter recusado a proteção de vários proxenetas. Era completamente analfabeta. Acabara por se revelar uma das alunas mais diligentes e uma bordadeira especialmente dotada. Nas vitrinas, as suas peças destacavam-se sempre.

Fora do edifício, infelizmente, o mesmo acontecia com a sua aparência.

— Eu posso dizer-te o que lhe passou pela cabeça — disse Clara. — Não estava a pensar muito além do facto de tu seres bonita e daquilo que os machos pensam quando veem raparigas bonitas.

Lady Clara Fairfax tinha razões para o saber. Fizera no dia anterior vinte e dois anos, era a rapariga mais bonita e requisitada de Londres e, de acordo com alguns, de toda a Inglaterra.

Clara não fugiu a gritar da sala. Uma senhora não fugia a correr de lado nenhum, a não ser que a sua vida corresse perigo *imediatamente*.

Era só outra proposta de casamento.

A época social terminara. O Almack's organizara a última reunião no fim de julho. A maior parte da sociedade partira para o campo. A sua família, contudo, permanecia em Londres porque o seu pai, o marquês de Warford, nunca partia enquanto o Parlamento não cessasse atividades.

E assim, também os seus admiradores permaneciam em Londres. Por qualquer razão — ou tinham feito uma conspiração ou tinham-na posto como tema de apostas no livro da White — pareciam estar a apresentar-lhe propostas de casamento com uma regularidade bissemanal. Começavam a esgotar os nervos de Clara.

Hoje era a vez de lorde Herringstone. Disse-lhe que a amava. Todos diziam o mesmo, com diferentes graus de fervor. Porém, sendo uma rapariga inteligente, que lia mais do que devia, Clara tinha a certeza de que ele, tal como os outros, apenas desejava reclamar para si a rapariga mais na moda em Londres.

Ela herdara a aparência clássica dos Fairfax — cabelo louro-claro, olhos azul-claros e uma pele que parecia ter sido espalhada como natas sobre um rosto artisticamente esculpido. O mundo concordaria que, no seu caso, esses traços tinham atingido um verdadeiro cúmulo de perfeição. O mesmo se passava com a sua figura, um modelo para uma daquelas estátuas de deusas gregas ou romanas, de acordo com os seus numerosos pretendentes.

O seu único defeito — pelo menos no exterior —, a falha minúscula num dente da frente, do lado esquerdo, apenas a tornava mais humana e, de alguma forma, mais perfeita.

Era como um puro-sangue, que toda a gente desejava possuir.

Ou como o último modelo de veículo rápido.

A sua beleza rodeava-a como um alto muro de pedra. Os homens não conseguiam ver por cima, para além ou através dele. Certamente que não podiam pensar em trespassá-lo.

Isso acontecia porque os homens apenas *olhavam* para as mulheres. Não as ouviam, especialmente as bonitas.

Quando as mulheres bonitas falavam, os homens, simplesmente,

empenhavam-se mais em fingir que ouviam. Afinal de contas, toda a gente sabia que as mulheres não tinham *realmente* cérebros.

Clara perguntava-se o que é que eles pensavam que as mulheres alojavam no crânio em vez de cérebros ou *com* que é que julgavam que as mulheres praticavam os seus arremedos de pensamento...

— ... se me concedesse a honra inestimável de se tornar minha esposa.

Ela voltou ao presente e disse que não, como sempre fazia, cortês e bondosamente, porque fora rigorosamente educada para ser uma senhora. Além disso, gostava verdadeiramente de lorde Herringstone. Ele escrevera-lhe odes, espirituosas e de métrica correta. Era divertido, bom dançarino e razoavelmente inteligente.

Ele, e dúzias de outros homens.

Ela gostava deles, pelo menos da maioria.

Mas eles não faziam ideia de quem ela era e não tentavam descobrir.

Talvez fosse quixotesco da sua parte, mas queria mais do que isso.

Ele mostrou-se desapontado. Contudo, Clara sabia que sobreviveria. Encontraria outra mulher, para a qual olharia sem a ouvir, mas essa mulher não seria tão irrealista que o esperasse. Casar-se-iam e haviam de se entender de uma maneira ou de outra, como toda a gente.

E, um dia, Clara desistiria de esperar por mais. Um dia teria de dizer sim.

— Ou isso — murmurou —, ou torno-me uma excêntrica e fujo para o Egito ou para a Índia.

— Minha senhora?

Clara ergueu o olhar. A criada, Davis, aguardara no corredor junto da porta durante a proposta de casamento. Embora a porta estivesse aberta, embora houvesse vários lacaios nos corredores de Warford House, embora nenhum dos enfatuados pretendentes de Clara sonhasse, sequer, em lhe dirigir uma má palavra, e muito menos fazer-lhe mal, Davis estava sempre vigilante. As pessoas diziam que ela parecia um buldogue mas, como Clara bem sabia, as aparências iludem. Não muito mais velha do que a pessoa a seu cargo, Davis fora contratada logo a seguir a um dos muitos disparates infantis de Clara, dessa vez em Vauxhall. Protegia Clara de fraturas, concussões, afogamentos e — o mais importante para a mãe — evitava que esta se transformasse numa maria-rapaz.

— Onde está a mãe?

A mãe costumava entrar logo a seguir aos pretendentes rejeitados para questionar Em Que É Que Errara com a filha mais velha.

— Sua senhoria está na cama com uma terrível dor de cabeça — disse Davis.

Devia ser por ter recebido, pouco antes, a visita da sua venenosa amiga, *lady* Bartham.

— Vamos sair — disse Clara.

— Sim, minha senhora.

Uma visita à Sociedade das Modistas para a Educação de Mulheres Indigentes dar-lhe-ia a oportunidade de fazer algum bem, em vez de ruminar acerca de homens.

— Por favor, pede o meu cabriolé.

Clara conduzia ela própria sempre que possível, em parte para reduzir as oportunidades de os criados a espiarem e coscuvilharem acerca dela, mas sobretudo para sentir que comandava alguma coisa, ainda que fosse um cavalo puxando um pequeno veículo de duas rodas. Pelo menos era um veículo impetuoso. Fora o irmão mais velho, Harry, o conde de Longmore, que lho comprara.

— Paramos no caminho e compramos umas coisinhas para as raparigas. — Olhou para o vestido. — Mas não posso ir assim. Elas devem ver-me com as minhas roupas mais requintadas.

Quando não tinha hipótese de evitar uma proposta de casamento, vestia-se da maneira menos lisonjeira que ousava, para tornar a rejeição menos dolorosa.

As raparigas eram outra história. As fundadoras da Sociedade eram as modistas mais proeminentes de Londres, as proprietárias da Maison Noiroi.

Eram elas que faziam a roupa de *lady* Clara e tinham-lhe ensinado que um vestido era, em si mesmo, uma forma de arte, uma forma de manipulação e uma forma de linguagem. Por duas vezes a tinham salvado de casamentos catastróficos.

Assim, para as suas meninas, ela vestia-se para inspirar.

— **C**uidado! É cega? Saia do caminho!
Clara ainda não tivera tempo de ver em que caminho se interpusera quando um braço a enlaçou pela cintura e a puxou da berma da estrada. Depois viu o enorme cabriolé preto e amarelo que vinha na sua direção.

No último minuto virou para cima dos aguadeiros e dos rapazes reunidos em volta da estátua do rei Carlos I. Depois, mais uma vez, mudou abruptamente de direção. Passou à tangente por uma carruagem pública, embateu num cão que coxeava e ziguezagueou para St. Martin's Lane, deixando um pandemónio no seu rasto.

Alguns centímetros acima da cabeça dela — e perfeitamente audível sobre os gritos e guinchos dos transeuntes e o barulho das carruagens, cavalos e cães —, uma voz profunda e cultivada pronunciou uma imprecisão. O braço musculoso retirou-se da sua cintura e o dono do braço recuou um passo. Ela olhou para cima, mais para *cima* do que costumava.

A cara dele pareceu-lhe familiar, embora não conseguisse encontrar no seu cérebro um nome para lhe juntar. Sob a aba do chapéu, um único caracol preto tombava-lhe sobre a têmpora direita. Sob as sobranceiras negras e com um ângulo agudo, um par de frios olhos cinzentos fitavam-na. O olhar dela desviou-se rapidamente do desagradavelmente penetrante escrutínio, descendo-lhe pelo nariz comprido e pela boca, até ao queixo firmemente esculpido.

O dia estava quente, mas o calor que ela sentia vinha de dentro.

— Atrevo-me a supor que não reparou em nada acerca dele? — perguntou o homem. — Mas, nem sei porque lhe faço uma pergunta inútil. Toda a gente entra em pânico e ninguém presta atenção. A pergunta correta é, será que importa? — Encolheu os ombros. — Só para o cão, provavelmente. E, dessa perspetiva, podemos dizer que o condutor apenas acabou com o sofrimento da miserável criatura. Chamemos-lhe um ato de misericórdia. Enfim. Não está magoada, minha senhora? Não vai desmaiar nem desatar a chorar? Excelente. Tenha um bom dia. — Bateu na aba do chapéu e começou a afastar-se.

— Um homem e um rapaz num cabriolé *Stanhope* preto, debruado a amarelo — disse Clara para as costas dele. Teve consciência da figura alta, ataviada de preto, a parar, mas estava a concentrar-se para manter a

imagem fugaz na sua mente. — A carruagem está pintada de fresco. Uma égua castanha. Com uma mancha branca. Meia branca... na perna traseira. Sem cocheiro. O rapaz... já o vi antes, perto de Covent Garden. Cabelo ruivo. Cara quadrada. Manchas. Casaco amarelo vistoso. Chapéu barato. O condutor tinha cara de galgo. O casaco... era de melhor qualidade, mas não o correto. *Não é um cavalheiro.*

O seu salvador virou-se lentamente para ela, com uma sobrelha negra erguida.

— Cara de galgo?

— Uma cara estreita e alongada — disse ela. Com uma mão enluvada, cujo tremor mal se notava, fez um gesto longo sobre a própria cara. — Feições bem definidas. Conduz bem. Podia ter poupado o cão.

O salvador olhou-a de alto a baixo tão brevemente que Clara não tinha a certeza de que ele o tivesse feito. Mas depois a sua expressão tornou-se extremamente atenta.

Ela conteve um suspiro, manteve o queixo erguido e esperou que o muro se erguesse à sua volta.

— Está certa — disse ele.

Porque haveria de estar certa?, pensou ela. *Sou apenas uma mulher e por isso, a bem dizer, não tenho cérebro.*

Mais impacientemente do que devia, disse:

— Percebi que o cão estava quase morto. Sem dúvida que os rapazes o teriam torturado, ou um cavalo ter-lhe-ia dado um coice, ou que muito em breve uma carroça lhe passaria por cima. Mas o condutor sabia o que fazia. Atingiu o animal de propósito.

O olhar do estranho afastou-se dela e examinou a praça.

— Que idiota — disse. — A exhibir-se assim. Matar o cão foi um aviso para mim, claro. Mestre da subtilidade é que ele não é. — Quando voltou a olhá-la, disse: — Um galgo, foi o que referiu.

Ela assentiu com a cabeça.

— Bom trabalho — disse ele.

Por um momento, Clara pensou que ia dar-lhe uma palmadinha na cabeça, como se faz a um cão que aprendeu uma habilidade nova. Mas ele apenas ficou ali, olhando alternadamente para ela e depois para si próprio. A sua boca tremeu um pouco, como se quisesse sorrir, mas não sorriu.

— O homem, seja lá quem for, é uma ameaça pública — disse ela. — Tenho um encontro, caso contrário iria apresentar queixa na polícia. — Ela não tinha encontro nenhum. A visita à Sociedade das Modistas fora uma

decisão intempestiva. Mas uma senhora não devia ter nada a ver com a polícia. Mesmo que fosse assassinada, devia sê-lo com discrição. — Tenho de deixar o assunto para si.

— Primeiro, ninguém ficou ferido a não ser um cão, com o qual é óbvio que ninguém se importava — disse o cavalheiro. — Caso contrário, a criatura estaria um pouco mais viva. Segundo, uma pessoa não vai incomodar a polícia com a morte de um simples canídeo, a não ser que o seu dono seja um aristocrata. Terceiro, é agora claro que o sujeito vinha na minha direção quando a menina se meteu no caminho. Não o vi claramente através do... — apontou para o chapéu dela, com a boca novamente a tremer — ...do não sei o quê que tem no cimo da cabeça. Mas cara de galgo... — Agora ele sorria. Não era um grande sorriso, antes leve e rápido, mas transformou-lhe a cara e o coração dela deu uma batida de surpresa. — Há muito que tenta matar-me. Não é o único. Não vale a pena incomodar a polícia.

Fez-lhe um aceno muito breve, depois virou as costas e foi-se embora. Clara ficou a olhá-lo.

Alto, magro e autoconfiante, movia-se com uma rápida deliberação através do mar de pessoas que se precipitavam nas ruas que conduziam a Trafalgar Square.

Mesmo depois de ter entrado na Strand, não desapareceu de vista durante algum tempo. O seu chapéu e os ombros largos continuaram visíveis por cima da massa de humanidade até ele chegar a Clevedon House e uma carruagem que passava lhe bloquear a vista.

Ele nunca olhou para trás.

Ele nunca olhou para trás.

Momentos depois, quando ela acalmara a criada e o cocheiro, Colson, e dava ao cavalo sinal para partir, teve uma visão rápida da cara do cavalheiro, e a sua voz rouca pareceu soar de novo, algures por cima da sua cabeça. Como uma sombra projetada por uma vela bruxuleante, uma imagem piscou no seu cérebro por um momento. Mas desapareceu antes de a ver nitidamente. Encolheu os ombros, tentando esquecer o incidente, e prosseguiu o seu caminho, embora se perguntasse como é que ele soubera que devia tratá-la por *minha senhora*... e porque motivo não olhara para trás.

Oliver Corvo Radford não precisou de olhar para trás. Como era habitual, examinara atentamente a aristocrata alta e loura ao primeiro olhar. Havendo pessoas da família Fairfax por todo o lado, as suas feições

elegantes e distintas eram reconhecidas até por quem não pertencia à alta sociedade, e pareceu-lhe muito provável que ela fosse uma das muitas *lady* isto ou *lady* aquilo.

Contudo, lançou-lhe um segundo e um terceiro olhar por três razões.

Primeiro, a sua mente recusara-se a aceitar completamente a prova dos seus olhos. Ele era observador a um ponto que, em geral, não se associava aos seres humanos — algo que alguns até sugeriam que ele não era —, e a sua memória era igualmente sobre-humana. Mas, sim, um exame mais atento provou-lhe que a indumentária da dama era tão complicada e extravagante como os seus olhos tinham concluído.

Segundo, depois dessa observação posterior, teve a certeza de já a ter visto. Mas não conseguia arrancar da sua memória prodigiosa onde nem quando.

Terceiro, percebeu que ela o surpreendera.

Não se lembrava da última vez que alguém o tinha surpreendido.

— Cara de galgo — murmurou, e riu-se, sobressaltando os transeuntes enquanto avançava pela Strand. — Esperem até eu lhe dizer. Vai querer matar-me *duas vezes*, e à tangente.

— Não olhes para trás, cretino — disse o condutor do cabriolé — *Stanhope*. O rapaz, um tal Henry Brockstopp, mais conhecido como *Navalhas* — pelo seu talento com as ditas —, disse:

— Era ela! A maldita cabra que veio atrás de mim com o chicote há uma semana ou mais. Quem me dera tê-la atropelado.

Isto era, pelo menos, a forma como o seu discurso podia traduzir-se para um inglês compreensível.

— Idiota. — O condutor deu-lhe uma palmada com as costas da mão. — E agora terei todos os polícias de Londres atrás de mim? E o exército também? Quantas vezes tenho de te dizer? Não toques num cabelo de um nobre, a não ser que queiras uma morte lenta na ponta de uma corda e ficar depois deitado na mesa de dissecação de um cirurgião. Com um monte de cirurgiões aprendizes a verem-no arrancar-te o fígado e isso, todos a rirem-se dos teus preciosos e minúsculos tomates. — Riu-se. — É mesmo típico do *Corvo*, usar a mulher mais à mão como escudo.

Jacob Freame, como todo o submundo londrino bem sabia, possuía um requintado sentido de humor. Sorria ao apertar os lojistas para obter mais dinheiro de proteção. Sorria mais abertamente quando um dos seus

chulos conduzia um pacóvio a um bordel do qual não sairia vivo. Ria-se quando os seus rapazes davam uma lição a um inimigo. Sempre pronto para uma risada, o nosso Jacob.

— Ela é bem grande — disse o *Navalhas*, amuado, coçando a cabeça.

— Pode ter o tamanho que quiser, porque é de qualidade — disse Jacob.
— E quando vês qualidade, tiras o chapéu, fazes uma vénia funda e sim minha senhora, e não minha senhora, e sim meu senhor, e não meu senhor. Lambes-lhes as botas, estás a ouvir? Ninguém se importa com o que fazemos entre os da nossa laia. Mas aborreces senhoras e cavalheiros finos, e os problemas caem-te em cima como uma tonelada de tijolos. Compreendes, ou tenho de meter isto à força nessa cabeça dura?

— Compreendo — disse o rapaz. Mas ele ia dar uma lição àquela Bridget Coppy, ah, isso ia. E a *Pernilonga* também não ia gostar muito.

Jacob Freame olhou para trás, embora a sua presa estivesse há muito fora de vista.

— Fica para outra vez, não é, *Corvo*? — disse. E riu-se.

Arredores de Covent Garden

Pouco depois

Hoje Bridget Coppy estava encarregada da loja da Sociedade das Modistas. Aqui os visitantes podiam comprar os artigos que as raparigas faziam, e os lucros ajudavam a manter a organização. Feitos por raparigas com talento e experiência diversa, os artigos oferecidos variavam em qualidade.

— Isto deve ser teu — disse *lady* Clara tirando uma esplendidamente adornada bolsinha de um expositor que a rapariga lhe abriu.

— S-sim, minha senhora. Mas tem um erro. Este nó. N-não consegui... — Bridget desatou a chorar. Virou-se, com a bonita cara muito ruborizada, e procurou rapidamente o lenço. — Oh, minha senhora, peço muita desculpa. Peço muita desculpa.

Uma senhora não se atrapalhava em situação alguma. Ela apiedava-se dos menos afortunados, mesmo quando escolhia visitá-los como um antídoto para as suas próprias humilhações.

— Minha querida, nem sequer vejo o nó defeituoso — disse Clara. — Os teus olhos devem ser mesmo muito apurados.

— Sim, eu... Não, quero dizer, devia estar *perfeito*. Não se pode... E se

vossa senhoria tivesse um vestido de cerimónia bordado com flores-de-lis e se vossa senhoria olhasse para baixo e visse um fio pendurado de uma delas? Ou... ou se o botão fosse carmim quando devia ser cor-de-rosa? Ou... — As lágrimas escorriam dos olhos da rapariga, agora tão vermelhos como as suas faces, e rolavam-lhe pelo nariz. Ela virou-se, fungou e limpou vigorosamente as lágrimas. — Por favor, perdoe-me, vossa senhoria. Oh, se a matrona me vê... estou bem arranjada, pois estou.

— A matrona não está aqui — disse Clara. — Mas se estás tão perturbada que não consegues conter as tuas emoções, o problema deve ser bastante grave. Afinal, tu és uma das raparigas mais calmas e responsáveis que estão aqui.

— Responsável! — gemeu rapariga. — Se o fosse, estaria neste sarilho?

Dois dias depois

Clara nunca entrara no covil dos advogados de Londres. Quando uma senhora precisava de apoio legal, o seu advogado visitava-a em casa. Mas uma senhora nunca devia encontrar-se em qualquer situação que envolvesse advogados. Se fosse tão desorientada que precisasse de um, devia depositar o assunto nas mãos do marido, pai, guardião, irmão ou filho.

Era por isso que ela hoje usava um dos vestidos de Davis, rapidamente alterado. Era por isso que ela, Davis e o moço Fenwick tinham viajado numa anónima — e suja — carruagem de aluguer e não no seu facilmente reconhecível cabriolé. A carruagem levou-os da Maison Noiro, em St. James Street, onde Fenwick trabalhava, para Fleet Street, a leste. Em Inner Temple Gate tinham abandonado o veículo e prosseguido para Inner Temple Lane.

Havia uma aglomeração de edifícios enegrecidos de fuligem, com diversas idades, erguendo-se sobre a rua como um coro grego muito sujo por cima de uma tragédia. Clara sabia que aquele que procurava residia no segundo andar do edifício Woodley. Mas qual seria? Fenwick tentava decidir entre dois edifícios lúgubres por cima do cemitério da igreja quando um rapaz saiu do meio das lápides. Fenwick recorreu a ele.

Sim, claro que sabia onde era, disse o rapaz. Vinha agora mesmo de fazer um recado de extrema importância para esse mesmo cavalheiro. E não era verdade que algumas pessoas eram cegas, dado que o nome estava

escrito ali, mesmo à vista? Apontou para uma fila de tijolos sujos que *podiam*, por baixo da camada de fuligem e dos excrementos de pássaro, estar inscritos com o nome do edifício.

Fenwick levou a mal o tom e os comentários do rapaz.

O rapaz fez uma sugestão indelicada.

Fenwick bateu-lhe.

O rapaz retribuiu.

Entretanto, no segundo andar do Edifício Woodley

— **M**orto — disse Westcott. — Morto, morto, morto. — Abanou a carta diante da cara de Radford. — Aqui está, em bom inglês.

Um peso frio instalou-se no peito de Radford. Mas, nesse momento, o seu instinto foi retirar-se da parte de si que possuía sentimentos — ou seja, irracionalidade. Ele aprendera a comportar-se como se o seu lado emocional fosse um ser totalmente à parte, e examinou a questão atual com distanciamento. E assim, metaforicamente, afastou com uma cotovelada o seu ser emocional e atentou calmamente no tom de voz de Westcott, na caligrafia da carta e no tipo de papel.

Não é o pai.

Não está morto.

Ainda não.

Mesmo assim, precisou de mais que a sua habitual força de vontade para dizer calmamente:

— Não é exatamente bom inglês. Negligenciaste o facto de ter sido escrito por advogados.

Thomas Westcott era advogado e também amigo de Radford. Possivelmente, o seu único amigo. Os dois homens partilhavam, juntamente com as salas no Edifício Woodley de Inner Temple, um jovem escrivão chamado Tilsley, cujos deveres incluíam coligir e distribuir a correspondência.

Radford não aceitava o dever de a ler. Tirando cartas dos pais e das meias-irmãs, deixava que Westcott, em modo advogado convencional, fizesse o que lhe aprouvesse com o dilúvio diário de papel.

— Não a leste — disse Westcott.

Radford não precisava de a ler. A caligrafia legal, o selo e a palavra *morte* bastavam como pistas. Vinha do advogado do duque de Malvern e comunicava a morte de um membro da família, muito provavelmente o

próprio duque, dado o peso do papel, a verbosidade da mensagem e a idade avançada de sua graça.

— Sou um advogado de barra — disse. — Consigo reconhecer jargão legal a vinte passos de distância. À distância dos duelos. É uma pena não podermos dar-lhe um tiro, imitando a forma como os cavalheiros resolvem tantos conflitos. Mas, afinal, os advogados bem-sucedidos em sórdidos casos criminais não são propriamente cavalheiros, pois não?

Seguira de bom grado os passos do pai. Visto Radford ser muito bom no que fazia, nunca duvidara de que subiria firmemente na sua profissão, corrigindo pelo caminho todos os erros e tolices que pudesse.

O que ele não podia reparar nem consertar eram os outros Radford.

O avô de Bernard virara os filhos e as respectivas mulheres uns contra os outros. Era um homem egoísta, vingativo e manipulador, e a sua descendência mantinha o estilo. O avô de Radford, sendo inteligente e observador, assistira ao comportamento destrutivo desta família e decidira não participar nele.

O pai pensava da mesma forma. Muitos anos antes, dissera: «A única maneira de não envenenares a tua mente é manteres-te afastado deles. Vive outra vida, filho. Vive a tua vida.»

Fora exatamente o que o *Corvo* Radford fizera. Não queria fazer parte do ninho de vespas ducal, especialmente agora.

Três meses antes, na quinta Grumley para pobres, um sítio para onde as famílias sem posses enviavam os filhos em excesso, tinham morrido cinco crianças. Uma febre era a causa aparente. Na verdade, o que os matara fora o sistema de negligência, fome e sujidade a que Grumley os sujeitava. Um inquérito provara-o culpado de homicídio. Este veredito conduzira ao processo criminal em que Radford trabalhava neste momento, o mais desafiador da sua carreira até agora.

Tirou o documento da mão do amigo e procurou falhas. Teve uma consciência distante do regresso do seu peso interior. A sua cara tinha uma expressão aborrecida.

— Só resta o Bernard — disse ele. — Como raio fazem eles isto?

O anterior duque de Malvern, pai de Bernard, tinha como parentes próximos três irmãos, assim como três filhos do segundo casamento. Ao longo dos anos, quase todos os homens, jovens e velhos, tinham morrido, de doença ou em acidentes.

— Poder-se-ia esperar que fossem ao menos capazes de se reproduzir — comentou. — Até os carneiros velhos conseguem.

— A família real tem o mesmo problema — disse Westcott. — O rei Jorge III concebeu nove filhos. E o nosso presumido herdeiro atual? Tem uma adolescente.

— É uma pena o ducado não poder passar para uma rapariga — disse Radford. — Isso, têm eles muito. Mas as raparigas não podem herdar e o problema não é meu.

Atirou a carta para cima da secretária de Westcott.

— Radford, se o duque atual morrer...

— O Bernard ainda não tem trinta anos. A esposa tem vinte e cinco. Ele continuará a tentar ter filhos.

Era melhor que Bernard não morresse pelo menos durante cinquenta anos. Radford não precisava da carta para se lembrar de que o pai se tornara o próximo herdeiro.

George Radford tinha oitenta anos e não se encontrava bem.

Uma febre no inverno passado arruinara-lhe para sempre a saúde. As suas hipóteses de sobreviver ao próximo inverno não eram muitas. Ia morrer, não tardaria muito. Devia ser-lhe permitido morrer em paz, com a mulher ao seu lado, na Ithaca House, uma *villa* pacífica em Richmond que batizara em honra do muito ansiado lar mítico de Ulisses. A última coisa de que o pai precisava era do aborrecimento de assumir uma vasta propriedade, cujos negócios tinham sido mal geridos durante anos.

— Segundo a carta, a saúde de sua graça, a esposa, é periclitante — disse Westcott.

— Não me surpreende — disse Radford. — A possibilidade de ela morrer de parto é muito elevada, como a de muitas mulheres que têm gravidezes frequentes. Podes ter a certeza de uma coisa: assim que ela morrer, ele casará de novo, tenha a idade que tiver. O pai dele constituiu uma segunda família depois dos cinquenta.

O pai do próprio Radford casara pela primeira vez aos cinquenta anos, porque não dispunha de meios para o fazer antes. Por isso é que Radford e Bernard tinham sido colegas de escola.

Westcott pegou na carta e voltou a lê-la.

— Há aqui alguma coisa que não está bem — disse. — Não percebo exatamente o que é, mas tenho a certeza de que há aqui um sentido que nos está a escapar. Parece que não consigo ler nas entrelinhas, e tu recusas-te a fazê-lo.

— Eu digo-te o que não está bem — disse Radford. — Isso apenas pretende ser um documento legal. Entre as confusões da linguagem jurídica,

vês aí alguma coisa mais premente que uma convocatória do Bernard? Consegues aferir algo que eu tenha a ganhar por lhe obedecer?

— Deves pelo menos dar-te ao trabalho de descobrir o que ele quer.

— Agora? Esqueces-te do caso Grumley?

— Posso ir em teu lugar — disse Westcott. — Como teu advogado.

— Nem tu nem ninguém pode representar-me nesta situação. Não conheces o Bernard.

O pai podia lidar com aquele rufia sem cérebro, se fosse preciso, mas não tinha razões para o forçar a isso. A última coisa de que ele precisava agora era de tensão e humilhações. Era melhor escrever imediatamente à mãe, para a avisar.

— Ele far-te-á perder o teu tempo, só para se divertir — disse Radford.

— Eu e tu temos coisas mais úteis para fazer. De momento, quero mandar aquele canalha do Grumley para... — Fitou a porta. — Quem está aí? Onde raio está o Tilsley?

— Se fala do seu escrivão, está a esmurrar um rapaz no cemitério.

A voz, se bem que abafada pela porta fechada, era claramente feminina. E aristocrata.

Westcott, embora não fosse tão observador como o amigo — quem o era? —, não teve dificuldade em reconhecer a dicção dos escalões mais elevados da classe alta. Alguns dos seus clientes viviam nesses reinos superiores. Correu a abrir a porta.

A loura alta entrou.